N.º 177 (4.º) —(299)—6.º ANNO Quinta-feira 2 de Abril de 1914 – Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**

DIRECTOR E EDITOR
Estevão de Carvalho

Composto, Impresso e Gravado:
Nas Officinas Graphicas do jornal O Zé
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

Um gesto que define um caracter

O PASSADO

Ó novo Miguel de Vasconcellos, liquidou por completo!...

Na Brecha

O paradoxo tem feito progressos e no caminhar da vida, vêem-se coisas as mais paradoxaes.

Ha annos, João Franco é recebido hostilmente no Porto, em virtude da sua politica de violencia.

Mais tarde, o ex-rei D. Manuel, acompanhado do sr. Ferreira do Amaral, que ainda não havia sido atacado pela bortoeja republicana, é ali recebido festivamente.

Ha dias dá-se um caso estupendo, piramidal, verdadeiramente extraordinario.

O mesmissimo sr. Ferreira do Amaral apanha uma manifestação no Porto, que era destinada ao sr. Affonso Costa. Fala da janella do hotel, erguendo vivas ao Porto e á Republica, como naturalmente os ergueu, ha cerca de 5 annos, á realeza e ao sr. D. Manuel.

Para não tirarmos o prazer aos leitores, transcrevemos de um jornal este bocadinho, que é divino:

«PORTO, 27.—T.—Apesar de se ter espalhado o boato de que o sr. dr. Affonso Costa, que ámanhã assiste ao banquete em sua honra, não chegaria hoje a esta cidade, passando a noite em Espinho, uma hora antes da chegada do rapido já na estação e nas immediações se via uma multidão compacta. Na «gare» estávam as authoridades civis e militares, camara, centros, magistrados, funccionarios, bandas de musica, etc.

A' chegada do comboyo, uma enorme salva de palmas resoou, queimando-se numerosas girandolas de foguetes. Os vivas eram ininterruptos e o enthusiasmo indescriptivel.

Como o sr. dr. Affonso Costa não viesse, pois partira de Lisboa em automovel, com alguns amigos, a multidão seguiu o sr. Ferreira do Amaral, que vinha n'esse comboyo e ámanhã aqui realisa uma conferencia, até ao Hotel do Porto, fazendo-lhe uma calorosa ovação.

O sr. Ferreira do Amaral veiu agradecer á janella, dizendo que a manifestação era para Affonso Costa, e ergueu vivas ao Porto e á Republica, que o povo repetiu com todo o calor.

Falaram tambem os srs. Joaquim Mesquita Paul e Saraiva Silva, que se referiram á vinda do sr. Amaral. As bandas tocaram o hymno nacional e em seguida tudo debandou na melhor ordem.»

Quem diria que o sr. Ferreira d'Amaral havia de dar vivas á Republica?

Depois de, no ultimo quartel da vida, ter um ataque de *bortoeja republicana*, não é para admirar que s. ex.ª, com a lealdade que o caracterisa, faça parte do centro da Regaleira e patrioticamente dedique todas as suas energias á *defesa nacional*, uma das suas principaes preoccupações.

~~~

Observando tudo o que por ahi vae, ninguem conscienciosamente poderá affirmar que isto **corre bem.**

O parlamento não tem correspondido ao que d'elle era de esperar, porque os individuos que o constituem, na sua maioria, não teem aquelle treno derivado da experiencia; além d'isso, teem tido mais em vista os interesses partidarios do que os do paiz.

Das suas lucubrações tem sahido leis inexequiveis, que servem de embaraços á vida do paiz. Nem leis economicas, nem leis sociaes, nem leis politicas que melhorassem os costumes...

Votaram-se projectos, augmentando as receitas publicas, mas não cuidaram do fomento, pondo um travão á emigração; votaram pensões e subsidios, mas nem todos com inteira justiça; crearam nichos para a clientella, não obstante haver milhares de adidos a pejar as repartições publicas; não providenciaram para que no exercito não continue a existir, como nos tempos da outra senhora, perto de **mil officiaes a mais dos quadros.**

Nem uma unica providencia que tivesse o fim humano de debelar a crise de trabalho.

O povo, se fez a Republica, foi com o fim de melhorar a sua situação economica, mas aquelles que se apossaram do mando, esqueceram-se a breve trecho do que prégaram nos comicios.

Os pequenos funccionarios dizem que não ganham para comer; os trabalhadores esmolam o proprio trabalho.

Mas aqui ha a notar: um funccionario é um homem **necessario** e um trabalhador é um homem **util**. Entre um homem necessario e um homem util, ha uma grande differença...

Nos tempos da outra mulher houve esbanjamentos; hoje tambem os ha. Nesse tempo havia comilões; hoje ha tubarões. Os trabalhadores pediam esmola, hoje tambem a pedem. A liberdade era affrontada; hoje succede o mesmo. Havia a instrucção criminal; hoje ha a investigação, que é a mesma invenção! Havia a indisciplina no parlamento; hoje tal qual como hontem. Os politicos guerreavam-se; hoje até se injuriam.

Nos tempos da outra mulher, havia ainda assim respeito pela propriedade e respeitavam-se as ideias dos adversarios. Hoje, assalta-se a propriedade como em plena Serra Morena se assaltavam os viandantes em tempos idos.

~~~

Segundo o *Ferro-Viario*, de 15 de março findo, a administração dos caminhos de ferro portuguezes demitiu 90 empregados, suspendeu 60, transferiu 700, deu baixa de classe a 50 e castigou 200 com suspensão.

Como se vê, a companhia tem exercido violencias sem conta, nem peso nem medida.

A intolerancia exercida pelos grandes da companhia ainda ha de causar mais desespêro nos empregados, lançando-os na violencia.

O governo nada fez para dissuadir a companhia da ideia de exercer violencias sobre os empregados grévistas, segundo affirmam alguns arautos da novidade...

~~~

Da «Republica»:

«Temos, pois, que o *superavit* de 1913-1914 está morto e bem morto, como se demonstra implacavelmente já, *não com a nossa modesta hypothese dos taes 800 contos*, **mas com a lista dos creditos especiaes reclamados até ao presente pelos differentes ministerios ao parlamento.** Tenha o leitor a bondade de passar muito simplesmente os seus olhos mortaes por esta nota tão sobria quanto eloquente:

Pelo ministerio da guerra:

Para o Deposito Central de fardamentos..........	480	contos
Para a remonta..........	250	»
Para rações e forragens..	80	»
Para prets............	50	»
Para ranchos............	100	»
Para pão....	50	»
Total	1010	»

Isto só pelo ministerio da guerra: — **1010 contos!**

Agora junte-se:

Pelo ministerio do fomento:		
Para obras do Estado....	250	contos
Pelo ministerio das finanças:		
Encontro de adiantamentos ao ministerio das colonias.	1	conto
Pelo ministerio dos negocios estrangeiros:		
Defesa da Republica (isto é, «formiga branca» interna e externa).................	96	»
Pelo ministecio do interior:		
Debito á Imprensa Nacional.	73	contos
Total	360	»

O que sommado com os 1010 contos para o ministerio da guerra, prefaz — **1:370 contos.**

Ora, abatendo a esta somma os 998 contos do superavit, **temos até agora o deficit conhecido de nada menos de 372 contos.**

O *superavit* transformou-se já em «deficit».Quer dizer, o *superavit* morreu...»

Não valia a pena fazer ao *superavit* tão grande apoteose para isto...

Jean Jacques.

Postaes atrevidos

Cidadão Afonso Costa
Cambra dos Deputados—S. Bento—Lisbôa

Meu caro Afonso:

Falei hontem com o Antonio Zé sob a «fuzão» e ele disse-me que esta só servia para te fazer «moer» e que depois das eleições «pregava» dois pontapes, no «assentador» do Brito «Camócko» e ficava só, outra vez senhor de toda a evolução!

Amanhã vou ahi á «Cambra» para ouvir as «piandunchas» «d'esses gajos». Hontem estive na Bôa Hora analisando o processo João de Freitas e... descança, meu velho, que tambem vou n'isso... embora ainda tenhas tempo de morrer antes de eu ir n'esse processo... conta comigo para testemunha de acusação. Dá beijos na careca do Bernardino, abraços ao Calino Biologico e conta sempre com o

Teu desafeiçoado
Atrevidão-Mór

1 de Abril de 1914

O pão nosso... da semana

SECÇÃO AMARGA

Se *O Dia* amanhece lindo
Com um sol encantador,
Logo desperta o amôr
N'um prazer de goso infindo.

De manhã, os passarinhos,
Ao despertar do arrebol,
Cantam alegres' ao sol,
Mesmo á beira dos seus ninhos.

Se *O Dia* fôr nebuloso,
Com vento, chuva e trovões,
Rugem ali os leões
No seu covil horroroso.

Mas *O Dia* é sempre *O Dia*,
Que aparece *á massa publica*,
Quer se viva na Republica,
Ou se viva na Monarquia.

Agitar ninguem se afoite
Contra esta *chuchadeira*..
Pois, novamente, o Moreira
Vae sahir co' *O Dia* á noite!...

Vid' Alegre.

Um tubarão. .

O Povo fala no senador Martins Cardoso, que é delegado do senado junto de qualquer coisa de que recebe dinheiro, sendo ao mesmo tempo comerciante e empregado na abegoaria municipal, recebendo como senador e ordenado como empregado municipal, com casa, agua, luz, etc.

Até parece um d'aqueles conselheiros comilões da monarquia!

Não haverá *democraticos* nas mesmas condições do Martins Cardoso?

Oh! a moral de hoje é como a de ontem!

O pai da Formiga

Tentou faze-la passar no senado como a gente mais virtuosa do universo. Mas não o conseguiu.

Pontas de fogo

Um mestre escola d'aldeia discursando ha dias sobre a celebrada festa da arvore, disse ás crianças que o escutavam religiosamente, que elas nunca deviam destruir as arvores á pedrada, nem arranca-las do solo bemdito onde crescêram.

«As arvores, meus meninos—disse S. Ex.ª num brilhante improviso—é a nossa companheira de toda a vida.

Se o calor é intenso, acalhemo-nos á sombra bemdita das arvores. Se chove e faz trovões, a arvore é simultaneamente guarda-chuva e pára-raios! Quando somos bébés o nosso berço é a arvore. Morremos de morte macaca sem ser ma caco, e o nosso caixão, meus meninos, é a arvore! Vasco da Gama fez a descoberta do caminho maritimo para a India afrontando as ondas do mar em cima d'uma arvore!... Camões escreveu os *Lusiadas* á sombra da bananeira!... Este ponteiro, com que diariamente vos dou carôlos, o que é senão uma arvore?

A lenha que aquece o vosso lar, é ainda a arvore. O tecto da vossa casa, as janellas, arvores, tudo arvores... Eu proprio sou uma arvore: a mais bella de todas, a arvore da sciencia!

Por isso, meus meninos, plantae ao som da *Sementeira*, bastantes arvores, quanto mais melhor!... Tenho dito.

Assim falou S. Ex.ª e quanto a nós crêmos que com criterio e senso comum. O orador porém, aconselhando ás crianças que não destruissem as arvores, esqueceu-se de que elas para servirem de berço, de caixão, de lenha de tecto, de portas, etc., teem necessariamente de ser destruidas á machadada. E quando a arvore se transforma em lenha para nos aquecer o lar, alem de destruida está sendo queimada...

Emfim, seja tudo por amor de Deus...

Do *Diario de Noticias:*

«Noticiámos ontem que a policia tinha capturado Matheus Jorge, de 28 anos, guarda de uma obra na rua Claudio Nunes, 10, por ter agredido á paulada e á dentada, João Nazareth, morador na travessa do Açouge, 12, partindo-lhe cinco dentes e cortando-lhe depois á dentada, as orelhas, motivo porque baixou ao hospital, onde se encontra em tratamento.»

Este desgraçado João Nazaret ficou sem orelhas e com cinco dentes a menos. Não ha duvida nenhuma que ficou um lindo objecto!

Qualquer dia o Santos do Coliseu vem contrata-lo para uma apresentação ao publico da capital.

Manuel Chagas.

Como nos tempos da outra senhora

Diz *O Povo* que o sr. Sousa Camara recebe uns 3 contos bem puxados.

— Que o sr. Terenas não restituiu uns reposteiros ao Senado.

— Que o sr. Martins Cardoso recebe como senador e como empregado municipal.

— Que o sr. Silveira fazia na policia uns6 contos e andava de carrinho.

Ora que diferença encontrará *O Povo* entre a moral monarquica e a d'esta republica.
~~~

Lingua suja

Quem tem mau estomago tem *má lingua*...

Eu, que sou despeptico, quando miro o *linguado* ao espelho, mostrando ao mesmo tempo os dentes, não posso deixar de me rir d'esta grande *sujeira!*... (*Novo termo em cima da bôrra, inventado pela Academia Cientifica do Calão Portuguez...*)

A *lingua suja* provoca-me o riso e portanto como se diz em *latidório*: *Ridendo castigat mores*, vamos a isto a rir, porque tristezas não... curam despepsias!...

*

Um caso triste com piada: Diz a *Capital*:

No Governo Civil foi hoje recebida communicação de que no posto da Misericordia havia fallecido pelas 15 horas e um quarto o ex-guarda municipal sr. Ramiro Pinto, que foi atingido por uma bala que lhe entrou pela bôca e se foi alojar na medulla espinhal á porta do Gymnasio.

A' porta do Gymnasio n'esse sitio? Não conheço... Se o redactor dissesse ás *portas do Rego*... ainda me convencia, apezar de eu não gostar de metter o nariz n'essas coisas...

*

Da *Encyclopedia das Familias:*

Os ministros receberam os despachos ajoelhados em almofadas de velludo, até ao reinado de D. José I.

Foi poo alvará de 21 de julho de 1772 que o mesmo monarcha permittiu aos seus ministros que se sentassem diante d'elle.

Até esta data os reis e com especialidade as rainhas, gostavam muito d'aquella ceremonia de joelhos... D. José é que os mandou... sentar!...

Hoje em dia alguns poem-se de cocoras...

Outros tempos, outros costumes...

*

De *Carmen Sylvia:*

Estudae o corpo humano: a alma não está longe.

Tenho estudado alguns corpos em que a *alma*... está muito em baixo!...

*

Do poeta charadista J. S. Nogueira:

Já que és assim tão pura
E tão meiga para amar,
Dá-me a tua formosura
Que eu te dou o bem-estor.

O bem estar... é boa!

Não sabia que lhe chamavam assim!...

Não admira, o... *amôr* tem tantos nomes!...

Já lhe ouvi chamar um figo...

Diz *More:*

A mocidade pode murchar, mas o sentimento é eterno.

Ha *sentimentos* que murcham facilmente... Alguns nunca mais se levantam...

*

Pensava assim o ex-conselheiro Barros:

Nem todos os homens podem ser grandes, mas todos podem ser bons.

Ha por ahi tanta *belleza d'homem!*...

O *Affonso da Costa*, por exemplo... Pequenino, tezinho e muito bomzinho!...

*

De *Elefonte:*

A escola instrue e evita a cadeia.

Não é tanto assim...

Por terem *grande escola* estão muitos *sabidos* no *chelindró!*...

*

Talvez não saibam o que significam as bolas de pedra que se vêem a ornar alguns edificios? Vejam o que eu li algures:

Em remotas epocas, os vencedores das batalhas tinham o costume de decorar as fachadas e as paredes de suas casas cam as cabeças dos vencidos.

A civilização fez acabar essa barbara pratica, substituindo-a pelas bolas de pedra nos logares em que até ahi se punham as caveiras.

Que ideia tão tragica teve o França Borges em pôr a *bola* á janella!...

E é tão grande que por força representa as cabeças de todos os Almeidistas!...

Ora bolas!...

*

De *Castellar!*

A Liberdade conquista-se, não se pede.

Mas perde-se por pouco!...

*

Descuret diz:

A teimosia não é mais do que a energia da tolice.

Eis porque ha muito quem faça tolice teimando com *energia*... no amôr!...

Arre & Egas.

Os professores

Pedem misericordiosos que lhes paguem, mas não ha meio... Se o *superavit* foi um ar que lhe deu!... Como hão de pagar aos professores?!...

Impossiveis

— Que os Rodrigo — Rodrigues, larguem o recanto da Penitenciaria, por que as rendas das casas estão cáras...

— Que os bispos aceitem com agrado a lei da separação.

— Que o Pópe mande á fava os do centro da Regaleira.

— Que a Nação dê vivas ao D. Manuel.

— Que o Cunha e Costa faça sacrificios pela monarquia.

— Que a gente da tropa não souhe sómente com promoções.

— Que o patriotismo de muitos senão traduza apenas n'essa aspiração.

— Que o Afonso não anceie por fazer as eleições.

— Que sua Onipotencia no poder, não produza estremecimentos no povo português, exceptuando nos formigas.

— Que o silencio dos talassas, não seja sintomas de rebeldia.

— Que nas hostes couceiristas haja harmonia.

— Que o manto protector não cobrisse os formigas desordeiros no caso do Ginasio e outros.

— Qne os tais formigas senão preparem para fazer mais fitas.

— Que nas repartições do Estado não continue a haver mandriões.

— Que a justiça deste pais não deixe as viuvas e os orfãos á devina sem vintem nos inventarios onde ha menores.

— Que os advogados não explorem os clientes escandalosamente.

— Que os medicos, não façam outro tanto.

— Que o utilitarismo não seja aproveitado como principio moral, pelos egoistas e ambiciosos.

— Que os ratos de sacristia vão á missa por devoção.

— Que vão assistir a esse acto sem ser com o fim de pescar herdeiras ricas.

— Que as crenças religiosas tenham fundas raizes no coração do povo.

— Que o D. Quichote Arruella, seja arauto dos talassas desinteressadamente.

Versos aleijados

(A um coxo de muletas)

Havia um côxo antigamente,
Liexiro de coisas mui sujas;
Tinha memoria excelente,
Piava como as corujas.
Parecia mesmo um Vicente...

Sempre risonho e amavel,
Coisa alguma lhe dava abalo;
Era criatura afábel,
Té rinchava como nm cavalo
Aquele animal estimavel.

Um dia de grande alegria,
Em aturada cavaqueira,
Tantos beijos deu na Maria,
Que foi de ventas á torneira...
....
Sonhos da sua fantazia...

Jean Jacques.

O 21 d'outubro

O *Damião de Goes*, ignora decerto que o conde de Mangualde veiu pela mão do Homero e que o Homero era um agente do Scevola e que Scevola é nm delegado da autoridade. Pois não o devia ignorar.

Festas artisticas

Palmira Torres, uma das maiores glorias da scena portugueza, realiza amanhã no Nacional a sua festa tendo escolhido a nova peça *Bicho do matto*, em que a eximia actriz tem uma soberba creação. Os admiradores da distincta artista, preparam-lhe uma grande manifestação, á qual nos associamos com o maximo prazer.

Eduardo Brazão reliquia da scena dramatica e que, com Augusto Rosa e Ferreira da Silva forma a trindade soberba que honra o palco do Republica, realiza a sua festa no proximo sabbado, subindo á scena *Á Castellã*, suberbo trabalho do festejado.

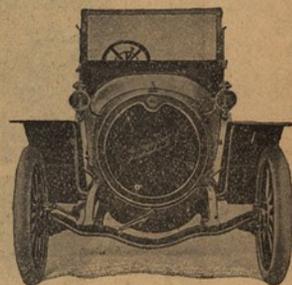
Como de costume, a casa encontra-se já quasi tomada, pois todos desejam prestar homenagem a tão distincto como sympathico artista.

Cunha e Costa

Não fez impressão alguma a carta do sr. Cunha e Costa, publicada na *Nação*. Aquela de ser monarquico e de se achar constituida a assemblea geral em qualquer parte em que ele esteja, é uma prova da pouca fé do sr. Cunha e Costa, na monarquia.

Se vinha!

Se da França, o rei Pepino,
agora ressuscitasse,
vinha cá vêr o Sabino
e o seu **Chiado Terrasse!**

K K. Tó.

O ENTERRO DO SUPERAVIT

A VIUVA: — Alma minha gentil que te partiste,
Tão cedo d'este **Mundo** descontente!
Descança lá na terra eternamente
E viva o **Superavit** (1) embora triste.

(1) O filho.

Dialogos

(Realistas)

Então o que ha, meu caro?
— Dizem muitas coisas, mas tudo boatos talassonicos.
— Boatos?!
— Boatos sem fundamento, boatos que varios côxos, inimigos das instituições, fazem correr e que não só assustam as almas timoratas, mas tambem prejudicam o paiz.
— Então, o superavit?...
— Foi um ar que lhe deu!
— Nem ao menos se manteve até ao fim do ano economico.
— Só para a tropa foram creditos de centenas de contos!...
— Mas não compreendo...
— Não compreendes o que?
— A tropa custava em 1886, uns 4500 contos e tinhamos um efetivo de paz de 30 mil homens.
— E depois?...
— Passados dez anos, passou a custar 5.500 contos e o efetivo era dos mesmos 30 mil homens. Melhoramentos materiaes nenhuns.
— E que mais meu caro?
— Passou novo periodo de tempo, isto é, 10 anos. O custo do exercito, subiu mais uns mil e tantos contos. O efetivo na paz Octaviana que temos disfrutado, manteve-se nos tradicionais 30 mil homens. Melhoramentos, não se viram nenhuns.
— Ora essa...
— E' o que te digo: Em 1908 — 1909 custava o exercito cerca de 8000 contos, o que já muitos monarquicos achavam excessivo porque os tais 30 mil homens do efetivo da paz, nunca foram uma realidade!
— Muito me contas!
— A prova disso está em muitos factos e o ultimo, foi quando o Vasconcelos Porto, quiz fazer maobras no Alemtejo, que se não realizaram — diziam por falta d'agua — quando a verdade é que para conseguirem juntar 10 mil homens, ficava o pais sem guarnição militar alguma!
— Mas, como se gasta tanto dinheiro, se dizem que não ha materiais, nem munições?
— Gasta-se no regabofe das promoções e neste ponto a republica não tem ficado a dever nada á monarquia.
— E' bôa!
— Gasta-se, mantendo uma enorme legião de reformados, altamente estipendiados e que são homens sãos e validos, que pela lei das equiperações foram reformados em postos dos mais altos, pois que ha tenentes reformados em majores e majores reformados em generaes.
— Que grande pandega!
— Tens razão, que as reformas militares desde 1884 para cá teem sido uma grande pandega, administrativa que o paiz tem pago com lingua de palmo.
— Que administração tão prodiga!..
— Mas ha melhor: segundo um regulamento de remonta, os cavalos eram distribuidos aos oficiaes. Estes depois de os terem para o seu serviço durante 5 anos, eram-lhes dados dados pelo Estado!
— E agora, ainda é asim?
— Agora parece qne os oficiaes que recebem a montada, descontam para ela qualquer importancia, depois de que fica-lhes pertencendo. Se a montada custou 300 escudos, o oficial dá por ela cerca de um terço do que costou!...
— E' pasmoso!
— E' a verdade.
— E dizem que não teem gado bastante.
— Nem nunca o tiveram, pois é muito ráro que os regimentos de cavallaria possuam dois terços das montadas que lhes pertencem.
— E quanto a materiaes?
— O! é uma penuria! Convenientemente, segundo os modernos exercitos, não temos o precizo para 20 mil homens!
— Mas o que se faz a tanto dinheiro?
— Eu sei lá ou alguem será capaz de o dizer? Os arsenais estão cheios como um ovo, de operarios. Os oficiaes em comissões, são aos montes!...
— Que coisa homem!
— Não encontrando onde os coloquem fazem d'eles administradores, governadores civis, deputados, etc. Só estão nos regimentos aqueles que não teem proteção.
— Como nos tempos da monarquia?
— E' o mesmo. Só teem tratado desde 1884 para cá do seu bem ester material.
— Na verdade...
— Um individuo da escola é promovido a alferes. Se tem proteção, arranja uma comissão. Conserva-se nela, sendo promovido a tenente; mais tarde vae para a escola de repetição e dali volta para o nicho, onde continua, sendo promovido a capitão. Faz certo tempo de serviço no regimento e volta ao nicho que não larga senão quasi ao fim da carreira militar!
— E' extraordinario.
— Olha, um exemplo: na administração das alfandegas está um major ou tenente coronel, que ali tem feito carreira. E'ra um corifeu do Teixeira de Sousa. D'aqui amanhã é reformado em general com a nota de que prestou grandes serviços ao paiz, quando afinal o paiz nada lhe deve. Como este ha muitos outros!...
— Estou edificado!
— O', não te espantes, que ha coisas mais bonitas: olha, a administração militar, antigamente era civil. Saia muito em conta e era composta composta de determinado numero de aspirantes. Segundo o espirito da Europa, lá fóra começraam militarizar tudo. Cá por ispirito de imitação, começaram tambem a militarizar tudo: foi policia, guardas da alfandega. Pretenderam militarizar os correios, empregados do caminho de ferro, mas não o conseguiram. Pois, nota bem, os os oficiaes da administração militar, são geralmente empragados de Carteira. As suas funções não são nada militares... Fazem de amanuenses...
— Mas usam espada!...
— Sim uzam espada... são funcionarios de espada, como lhes chamou o antigo deputado sr. João Pinto dos Santos.
— Muito me contas amigo. Já vejo que a administração publica precisa ser reformada.
— A republica ha de faze-lo, senão quizer ficar enervada.

Um administrador divertido...

Em Santa comba Dão, o administrador do Concelho prendeu e desprendeu um sineiro. Depois escondeu-se com medo de apanhar lambada das mulheres. Abençoadas criaturas, que fizeram soltar o sineiro, indispensavel para o badalo do sino.

Confidencia

—Ai filha que bom que é
estar no leito recostada,
lendo a bella versalhada
do **Almanaque d'O Zé!**

K K. Tó.

O anno em verso

IV

Abril

O campo é verde e lindo! rompe a aurora
Deste formoso e alegre mez de abril
Lá do limpido ceu profundo anil,
Cae a jorros o sol que o trigo aloura.

A cotovia, alem, madrugadora
Solta o seu canto. A aragem é subtil.
Nas florestas, que verdor febril!
O' natureza, és santa! és criadôra!

Em tudo há poezia, há sonho e Arte.
Passeias no jardim belo e florido:
Curvam-se as flores alegres, a saudar-te

E eu vêjo com rancor — muito atrevido
Um cravo que se inclina p'ra beijar-te
A fimbria azul do teu lindo vestido!

Manuel Chagas.

O sr. Daniel disse que deixára nos cofres do governo civil umas dezenas de contos, mas o sr. Cassiano Neves para pagar ao pessoal teve que pedir dinheiro ao ministerio do interior!

Secção photographica da Casa do Povo de Alcantara

Acabamos de admirar belos trabalhos executados n'esta nova secção que tem como gerente-technico o distinto artista Alberto Santos.

São sem duvida dos melhores, dignos de serem admirados e podem rivalisar sem desdouro algum com os trabalhos executados no estrangeiro.

Felicitando o proprietario da Casa do Povo, pelo acolhimento obtido com a nova secção, aproveitamos a occasião para endereçar-mos ao nosso amigo Alberto Santos, as nossas cordeaes felicitações por ver coroado do melhor exito os seus esforços.

Pela Verdade e pela Justiça

Diz *O Povo* que tem trabalhado muito por aquela divisa. Isso tá visto que tem! Ora sempre!

Estranha que os desordeiros do caso do Gynasio não fossem afiançados. Essa estranheza não a faria, se aquelles não fossem do centro da regaleira. Ve-se mesmo que é pela verdade e pela justiça.

Amôr de Zingaros

Na nova oppereta que o Avenida explora ha de tudo o preciso para uma peça d'esse genero agradar: musica leve e saltitante, scenario virtoso, guarda-roupa luxuoso, um corpo de coristas em que se destacam verdadeiras bellezas e artistas de voz primorosa. Entre estes é justo destacar a destincta actriz-cantora Etelvina Serr que tem no *Amôr de Zingaros* uma verdadeira creação e Almeida Cruz que segundo nos parece tem n'esta peça o seu melhor trabalho.

Crêmos que dito isto, está feito o elogio ao bello desempenho que imprimiu ao seu dificil papel.

Quando uma peça consegue obter os applausos unanimes do publico não admira que os pedidos de bilhetes todas as noutes sejam de tal ordem, que o nosso amigo Motta se veja seriamente embaraçado para os attender por completo visto que elle não gosta de indeferir qualquer pedido que lhe façam.

Estradas

Segundo o deputado sr. Francisco José Pereira, estão em peor estado do que nos tempos da monarquia. Este, como democratico, não vae na fita das louvamilhas.

A guitarra do Zé

MOTE

Uma pergunta indiscreta
A quem souber responder:
Para um homem ser poeta
O que é preciso saber?!..

Parinho

GLOSAS

Ler nas paginas da vida
A paixão, o sofrimento,
A tristeza, o Desalento,
A dôr, a fome, a partida!
Caminhar de fronte erguida
Sempre, sempre em linha réta.
Não sahir fóra da méta,
Não conhecer o Desdem,
Nunca fazer a ninguem
Uma pergunta indiscreta!

Não desprezar a irmandade
Que sol a sol cava a terra,
Combater a infame guerra,
Viver com Fraternidade!
Adorar a Liberdade,
Não receiar o sofrer,
Olhar *com olhos de ver*
Para quem um pão implore,
Perguntar tudo que ignore
A quem souber responder...

Ter horrôr á Sob'rania,
Renegar o Potentado,
Adorar o Triste Fado,
Odiar a Epocrisia!
Ter condão para a poesia,
Alma grande irrequiéta,
Ora triste, ora facêta,
Não mendigar uma esmola...
E' a vida a grande escola
Para um homem ser poeta!

Vêr nascer a linda Aurora,
Sentir da boémia a fadiga
Ao som da guitarra amiga
Que dolentemente chora!
Beber vinho a toda a hora
Idolatrar a mulher!
E não lhe importar morrer
Sem camisa, sem abrigo!
— Aqui tem, meu bom amigo,
O que é preciso saber!...

Arre & Egas

N. *Arthur Arriegas glosará todos os motes que sejam enviados a esta redação.*

REMEMBER, Grande Champagne
Bebam a AGUA DA CURIA

Fitas que passam

Fernandes Castro

O nome de um padre n'este meu cantinho e n'este jornal, poderia ocasionar duvidas sobre a minha orientação e sobre a orientação d'este semanario, se esse nome não representasse a mais humilde das homenagens ao homem que ama o seu paiz, e que ao subir ao pulpito, leva no coração o amor extraordinario á sua terra.

N'um regimen de puras liberdades, de amplas garantias, o nome de um sacerdote n'um jornal republicano não implicaria com os nervos da democracia radical, se essa democracia tivesse a verdadeira noção d'essas liberdades e garantias. E assim desnecessario seria mascarar um artigo de homenagem com o rotulo democratico, unicamente com o intuito de salvar a honra do jornal e a politica *inofensiva* do auctor do artigo.

D'entre essa porção de padres que sobem ao pulpito, e que do pulpito lançam as suas exaltadas recriminações contra os homens, e contra os destinos de Portugal, Fernandes de Castro, sem outra categoria alem de um modesto padre, é a verdadeira encarnação do padre patriota do homem que chora o infortunio da sua terra, não para a deprimir, mas para a invocar desde o passado deslumbrante e de feitos grandes até ao futuro que elle sonha e que elle com a sua palavra apaixonada, faz ver em sonhos áquelles que o escutam.

O pulpito é a meza do conferente. Alguma coisa de espiritual sobre o padre, e este, com a alma nos enlevos dos seus pensamentos, dá ao seu coração o estremecer violento do amor á patria que elle canta, e faz sentir a cada coração.

Portugal é grande a seus olhos. O seu infortunio desaparece a cada palavra do orador, e experimenta se um consolo assim, porque a cidade ergue-se nobre, as aldeias revivem, tranquilamente, pelo trabalho, e aos montes chega o echo das alegrias de uma patria, que não quer morrer, que tem um passado de gloria e não espera a calamidade da ruina. E o sonho eternisa-se, e o coração estremece, pela saudade de uns dias que vão longe, e que nunca mais voltam, dias que levaram comsigo os pergaminhos de uma patria e deixaram, para ensinamento de um povo, nas paginas douradas da historia, os feitos dos seus irmãos.

E' assim este padre que eu escutei em quatro domingos; e se aos meus correlegionarios importa saber qual a impressão recebida, e quaes os meus pensamentos sobre o meu republicanismo, que hão de julgar abalado pela palavra do padre, nenhuma duvida tenho em declarar, que o meu coração estremeceu com o estremecer do coração do sacerdote, e que a minha idea republicana se elevou e tornou maior, mais firme, mais poderosa, escutando o cantico á minha terra, os louvores ao meu Portugal

Nada sofreu essa instituição que o povo implantou.

O padre sófezreviver a historia, fezreviver os homens que a terra apodreceu, e colocou ante os meus olhos, ante os olhos de todos que o ouviram, a imagem aureolada e santa da Patria, com a tradição a cantar-lhe as glorias, e com o presente a cavar o infortunio.

E assim terminaram as conferencias de Fernandes de Castro, d'uma invocação a todos os portuguezes para que esta Patria não morra, para que este paiz possa fugir ás barbaridades dos homens e resurja para a vida com a paz na consciencia e com a saudade e o exemplo do passado na imaginação, para maiores feitos e para não morrer.

Que não morrerá!

Vininio.

A TODOS

Embora p'ra mim amarga,
esta cruzada,
cá volto de novo á carga.
Mas que estopada!
Já estou farto de dizer,
a todo o povo ilustrado,
como é que se deve lêr
o meu abaixo assinado!
Dois **K K.**
só com um ponto final
no segundo,
saiba Deus e todo o mundo
que, p'la escrita oficial,
ou p'la outra, tanto faz,
se devem lêr assim:— **Cas!**
T-o-, sabe toda agente,
seja ou não inteligente,
como se deve *de* lêr.
É pois facil de saber,
e mais palavra não gasto,
que dois **K K. To.** — é **Casto.**

K K. Tó.

Liberdade de ensino

Diz *O Algarve de Faro*, que não temos liberdade de ensino e que de todas as liberdades a que menos está efetivada e garantida é a liberdade de instrução.

As outras não estão em melhores condições, principalmente desde que o afonsismo passou no poder como um furação destruidor.

O ZÉ no theatro

Republica.— Sabbado, festa artistica de Brazão com a «Bisbilhoteira.»

Avenida. — Hoje e por longo temto, a opera comica «Amor de zingaros».

Gymnasio. — «O deputado independente», continua com successo.

Trindade.—A bella opereta «Sua Magestade diverte-se».

Rua dos Condes—Hoje, ámanhã e todas as noites «O 31».

Nacional —«O bicho do Mar», tão cedo não sae da toca.

Apollo.—«Paz e União» até ás calendas gregas.

Colisou de Lisboa. — Reabriu hoje as suas portas, com uma compauhia de variedades composta de anões.

Animatógrafos

Chiado Terrasse—«Films darte».
Olimpia—Novidades animatograficas.
Salão da Trindade—Animatógrafo
Salão Loreto. — Animatógrafo — Fitas faladas.
Central. — Animatógrafo e concerto.

VULTOS POLITICOS

I

Triste canção

Ladeira acima, a capa ao hombro, banza ao peito, espadim á cinta, a pluma voante, eis o Antonio Zé — o eterno visionario...

O seu vago perfil de balada recorda lendarias figuras burlescas — Quichote, Tartarin, Artagnan, D. Juan Tenorio...

O sitio é ermo e desolado; soluçante a voz do Trovador...

Nas arcarias gothicas já desmanteladas de um castello em ruinas um luar de janeiro drapeja deslumbrante. Pelos telhados vizinhos, gatos e gatas, com cio, miam dolorosos...

Vae alta a lua na mansão...
E o Antonio Zé, coitado,
Passa, suspirando um fado
— O fado da evolução...

Camacho amigo, que adorei na vida,
E que ainda hoje é idolatrado,
Porque me enganas, qual mulher perdida,
C'o Affonso Costa e o Bernardin' Machado.

Porque te foges á caricia minha,
Não vês o pranto a inundar-me os olhos?
Olha que o Affonso já te comeu a *pinha*,
A sabia *pinha*, matagal de piolhos...

Porque te iludes — louco desatino! —
Camacho amigo, venenoso e mau?
Qualquer dia terás do Bernardino,
Entre sorrisos mil, tareias de pau...

Sim, doido varrido, eis-me triste e só,
Foi tudo um sonho, triste sonho vão!...
Oh! vem Camacho, trai-li-ri-lá-ró,
Meu doce amor, façamos a fuzão...

E' necessario — franquezinha franca —
Acabarmos de vez o regabofe...
Varramos já essa *formiga branca*
E quem n'ella manda — o General Trepoff...

Mas, talvez rindo dos meus pobres prantos,
Gozes com outros d'infernal prazer,
Só me fio hoje no Machado Santos,
Mas vejo tudo no ar, tudo a arder...

Ai! quão pesada me tem sido a vida,
Vês o meu caco? reina a traça aqui...
Abandonado, qual mulher perdida,
Camacho amigo, só espero em ti...

Mauricio.